

Gênero e raça em uma favela carioca: primeiras reflexões

Silvia Aguião¹ - PPG-UERJ

Laura Moutinho² - UERJ

A presente pesquisa vem sendo conduzida na favela de Rio das Pedras, zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, e está inserida em um projeto maior sobre raça e sexualidade no Rio de Janeiro³. A análise partiu da observação de relacionamentos afetivo-sexuais de casais inter-raciais heterossexuais e homossexuais, visando perceber o tipo de sociabilidade que propicia tais encontros, que tipo de representações a respeito de raça e mestiçagem revelam e de como estas atuam na conformação de dinâmicas hierárquicas específicas neste contexto.

O trabalho, iniciado em dezembro de 2004, é baseado em entrevistas abertas gravadas, conversas informais e observação em campo. O roteiro utilizado para as entrevistas contempla questões relacionadas à carreira afetivo-sexual, parentalidade, percepções da vida amorosa, comportamento, sociabilidade, práticas sexuais e prevenção às DST/AIDS⁴, além de questões específicas sobre a vida em Rio das Pedras.

A pesquisa prevê o diálogo com outros campos abrangidos pelo projeto maior, visando explorar o potencial comparativo proporcionado pelo levantamento das informações sobre redes de sociabilidade e sexualidade de indivíduos inseridos em diferentes espaços sociais e geográficos do Rio de Janeiro.

¹ Graduada em Ciências Sociais/UERJ, mestranda do PPGSC/IMS/UERJ e assistente de pesquisa do CLAM/IMS/UERJ.

² Doutora em antropologia (PPGSA/IFCS/UFRJ) e pesquisadora vinculada ao CLAM/IMS/UERJ.

³ Este projeto, coordenado por Laura Moutinho, recebeu apoio do Programa Cientista Jovem do Nosso Estado FAPERJ/ 2003. Vem sendo desenvolvido em diversas localidades: nas favelas da Maré e de Rio das Pedras, no subúrbio e em áreas da zona sul carioca. A investigação prevê entrevistas com gays e lésbicas que tenham mantido ao menos em algum momento de suas trajetórias, um relacionamento afetivo-sexual inter-racial, com o objetivo de mapear e freqüentar redes e espaços de sociabilidade homossexual (ou GLS), visando perceber como elas interpelam o idioma específico de gênero, raça e sexualidade encenado na região.

⁴ Parte de nossa análise se dedica a compreensão dos cálculos relativos a prevenção ao HIV/Aids realizados por esses sujeitos e também ao trabalho de intervenção desenvolvido no local, entretanto os limites do texto não permitem que o assunto seja desenvolvido aqui. Em trabalho anterior analisamos a produção brasileira de pesquisas sobre Aids e comportamento sexual, ver Moutinho, Laura & Aguião Silvia. *Mapeamento e diagnóstico dos bancos de dados e pesquisas sobre sexualidade e comportamento sexual no Brasil*. (no prelo).

O objetivo, portanto, é compreender representações e percepções dos sujeitos com quem vimos convivendo a respeito de raça tendo em mente os possíveis cruzamentos com sexualidade e gênero. Além de explorar as nuances que podem ser reveladas quando esses aspectos têm como pano de fundo a composição social e as conformações histórica e espacial singulares de Rio das Pedras.

Devido a limitações de tempo e espaço, a presente análise foi feita com base em entrevistas conduzidas somente entre heterossexuais que no momento mantinham relacionamentos inter-raciais. E, o que por ora apresentamos concentra-se em representações mais gerais desses sujeitos, a respeito de raça, gênero e sexualidade.

Rio das Pedras, violência e *ethos* viril

Dois pontos chamam especial atenção ao tratarmos do espaço de Rio das Pedras. O primeiro refere-se ao fato da localidade ser representada como uma das únicas grandes favelas (ou a única) sem a presença do tráfico armado do Rio de Janeiro. Esse diferencial demonstrou ter muita relevância para a pesquisa desde as primeiras falas captadas em campo, pois Rio das Pedras (ou RDP) não se enquadra no padrão recorrentemente referido nas narrativas sobre as favelas do Rio de Janeiro e tampouco na abordagem mais freqüente dos estudos sociológicos sobre favelas, que costumam enfatizar a dimensão da criminalidade violenta e suas causas e desdobramentos⁵. O Segundo ponto alude a presença maciça de imigrantes nordestinos⁶ e daí a conformação relativamente “mais clara” de sua população. Alkmin⁷ revela que em Rio das Pedras “ocorre uma significativa distinção étnica: 41% dos entrevistados declaram-se brancos, 48% morenos e 8% negros”⁸.

A explicação para essa exceção à regra quando nos referimos às favelas cariocas estaria na substituição da força dominadora (tanto político-social quanto econômica) do

⁵ Ver, entre outros, Zaluar, A. & Alvito, M. “Introdução” in Zaluar, A. Alvito, M.(orgs.) Um século de favela. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998; Leite, M. P. “Entre o Individualismo e a Solidariedade: dilemas da política e da cidadania no Rio de Janeiro”. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 15, nº 44, outubro/2000. São Paulo: ANPOCS; Zaluar, A. “Apresentação” in Cecchetto F. R. Violência e estilos de masculinidade. Rio de Janeiro: editora FGV, 2004.

⁶ O *survey* realizado em 2000 identificou 54% dos moradores como originários da região nordeste. (Alkmin, Antonio C. “A morfologia sócio-espacial da favela de Rio das Pedras” in Burgos, M. B.(org.) A Utopia da Comunidade: Rio das Pedras uma favela carioca. Rio de Janeiro: Puc-Rio : Loyola, 2002)

⁷ Alkmin, op.cit.

⁸ Alkmin, op.cit. p. 123.

tráfico por uma intensa atuação da associação de moradores, que contando com o apoio do forte comércio, do mercado imobiliário em expansão e das cooperativas locais, controla, oferece suporte e procura suprir as demandas da comunidade.

Na percepção de Moutinho⁹ o tráfico de drogas e a violência são estruturadores “das relações sociais – ainda que seja pela sua negação”. Ao discutir a presença de uma força controladora denominada “polícia mineira”, responsável por coibir toda atuação “indesejável” no local, a autora revela que as referências e narrativas a respeito da atuação desse tipo de poder a fizeram evocar a “idéia de ‘profecia que se cumpre por si mesma’ desenvolvida por Merton” e a vivência dessa não violência, seria articulada como eixo de estruturação e organização do poder local.

Outra explicação recorrente nas narrativas coletadas no trabalho de campo menciona o controle exercido pelos próprios moradores que não “deixam” a criminalidade se instalar. Uma fala freqüente ao serem questionados a respeito da criminalidade violenta é “Quando tem coisa errada a gente denuncia!”. Porém, o destinatário desta denúncia, não aparece de forma clara. Vagamente alguém pode se referir à polícia, ao “pessoal que se organiza”, aos “amigos” que ajudam, ao “Disque-Denúncia” e até mesmo um simples “tem quem faça!”, mas ainda não surgiu nenhuma resposta direta a esse respeito.

Um dos pontos-chave da argumentação de Moutinho a respeito de Rio das Pedras refere-se à hipótese de constituição de “um padrão de masculinidade que não somente se apresenta como cavalheiresco (ou em outros termos não misógino) como evidencia (de maneira mais porosa) uma certa articulação com raça, com a decantada ausência do tráfico de drogas e do tipo de violência que o acompanha”¹⁰. Seria um *ethos* viril não associado a “um padrão sexual agressivo” que parece “dispensar certos rituais de masculinidade mais arrogantes e coibir abusos sexuais”. Sendo assim, essa feição da masculinidade apreendida pela autora seria substancialmente diferente da que é recorrente nos estudos sobre favela,

⁹ Moutinho, L. “Considerações sobre violência, gênero e cor em Rio das Pedras” in Burgos, M. B.(org.) A Utopia da Comunidade: Rio das Pedras uma favela carioca.. Rio de Janeiro: Puc-Rio : Loyola, 2002.

¹⁰ Moutinho, L.,op. cit., p.228.

pois a bibliografia que relaciona favela e gênero enfatiza um *ethos* masculino viril violento, encenando um padrão de agressividade sexual.

Ao reproduzir a fala de um menino do tráfico na favela de Acari, “eu sou bandido, meto, gozo e vou embora”, Marcos Alvito¹¹ questiona se esse não seria o comportamento esperado na dinâmica hierárquica de um “mundo viril por excelência?”. Também Alba Zaluar¹², tratando da masculinidade violenta e do papel das mulheres nesse universo, apresenta um exemplo de como as mulheres ocupam um lugar subalterno nessa estrutura, ganhando o estatuto de “coisa”, mero objeto de disputa e mais uma forma de expressar a rivalidade entre os homens.

Em pesquisa conduzida em Vigário Geral, Simone Monteiro¹³ ressalta a assimetria de gêneros implícita no mesmo modelo de *ethos* viril violento como símbolo de prestígio, identificando um padrão tradicional entre os jovens de Vigário Geral. As condições materiais de vida podem contribuir para a manutenção de uma hierarquia tradicional entre os gêneros e “não possibilitar um arranjo mais variado e/ou construído sob bases assimétricas menos tradicionais”¹⁴.

Em Rio das Pedras a dicotomia tradicional/moderno merece uma atenção especial. A tipologia sociológica utilizada no Rio de Janeiro para classificar os espaços urbanos, relacionando subúrbios, zona norte e favelas à um modelo tradicional e zona sul à modernidade, precisa ser melhor qualificada ao pensarmos no caso de Rio das Pedras, que parece não se enquadrar em nenhum dos dois modelos, estes aparecem articulados e surgem de modo combinado nas diferentes esferas e espaços da vida social. Pois, se “[n]os bairros da zona norte/ subúrbios da cidade encontram-se redes de sociabilidade mais densas, acoplando relações de vizinhança, parentesco, amizade e compadrio – em suma, um ambiente de maior controle social e potencialmente de maior resistência à mudança”¹⁵,

¹¹ Alvito, M. *As cores de Acari: uma favela carioca*. Rio de Janeiro: editora FGV, 2001.

¹² Zaluar, A. *Condomínio do diabo*. Rio de Janeiro: Revan: Ed. UFRJ, 1994.

¹³ Monteiro, S. *Qual Prevenção? Aids, sexualidade e gênero em uma favela carioca*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2002.

¹⁴ Moutinho, L. “Tal Brasil, qual prevenção?”. *Hist. Cienc. Saude-Manguinhos*, Ago, vol.11, no.2, 2004.

¹⁵ Heilborn, op.cit., p.42.

também existe a possibilidade de negociações, brechas e (re)arranjos de regras e práticas, promovidas pelos sujeitos envolvidos.

Venho encontrando discursos que revelam um caráter mais interativo do que fixo entre padrões de sexualidade tradicionais e modernos. Essa variação pode ter uma explicação geracional ou simplesmente podem ser formas que convivem em um mesmo contexto sendo acionados em momentos diferentes, ou mais propícios para um ou outro.

Leonardo (23 anos, casado, carioca, autotclassificado como moreno) se referiu a Rio das Pedras como a “fábrica do chifre”, pois lá “todo mundo trai todo mundo” e as mulheres têm um lugar especial nessa afirmação, pois traem mais do que os homens. Justifica sua afirmação por sua própria experiência, pois recebe muitas propostas de mulheres, mesmo das que sabem que ele é comprometido e mesmo das que são igualmente comprometidas.

O baile funk seria um lugar especialmente facilitador dessas situações à medida que “*é recheado de mulher bonita, recheado de homem bonito, por mais que você tente se segurar, chega uma hora que você não vai agüentar a pressão. É a tentação da carne! [...] A mulher vêm na caça, e acha!*””. Diz que já cansou de ver mulher com o marido ou namorado do lado de fora e, pouco depois, beijando outro do lado de dentro.

A traição parece ser acobertada, pois, “*ninguém conta, ninguém fala nada*” ele mesmo já pegou uma conhecida no flagra, mas “*eu não vi nada. E sou cego. Mas vi!*”. Além disso, no baile tem muita “*gente diferente, tem gente dos quatro cantos do Rio que vem pra cá, porque é um baile tranqüilo, todo mundo escolhe por isso*”.

O que chama a atenção no seu relato são as representações que conferem um papel ativo às mulheres no que diz respeito à conduta sexual, mas principalmente o fato de que se trata de um homem se referindo a um padrão de feminilidade que seria distinto de outras localidades. Quando questionado sobre como seria o relacionamento entre homens e mulheres em Rio das Pedras, o que destacou foi a especificidade da atuação das mulheres.¹⁶ Essa dimensão das relações de gênero em RDP nos levou a pensar num eixo

¹⁶ Aguião, Silvia. *Raça e Sexualidade em Rio das Pedras: Percepções e Classificações*. Monografia de conclusão de curso, Rio de Janeiro, UERJ, 2004.

ausente nos estudos sobre favelas que se concentram nas diversas masculinidades e apenas mencionam o papel subalterno e circunscrito à esfera da casa, relegado às mulheres nesses contextos.

Em uma conversa com um grupo de jovens entre 16 e 23 anos, um deles questionava uma das amigas que disse não querer casar, mas só “curtir”. Com uma certa veemência ele lhe explicou que assim ela não iria “*conseguir nada da vida*”, ela deveria “*correr atrás* enquanto é jovem, pois “*passando dos quarenta não vai arrumar um ombro pra se encostar, pelancuda não arruma nada, homem até arruma mas mulher não*” ao que a amiga retruca: “*como assim? Quem disse que alguém gosta de homem velho?*”, e ele continua explicando “*tô falando de trabalho, ainda arruma um trabalho pra se sustentar mas mulher vai fazer como? Só se tiver um monte de filho que sustente ela. A [fulana] não é casada, mas tem 14 filhos...*”.

Aqui o lugar da mulher aparece claramente como sendo o da casa, da família, mas continua exercendo um papel ativo na conquista e na escolha do parceiro. Tudo indica que apesar de existirem espaços delimitados de atuação para homens e mulheres, essas posições não estão engessadas. E os discursos sobre gênero ora têm uma expressão mais hierárquica, ora mais igualitária. Falando sobre sua mulher, um dos jovens afirmou que ela é livre para fazer o que quiser e que ela fica em casa porque prefere assim, mas para ele seria até melhor que ela trabalhasse e lhe desse alguma ajuda nas despesas. Alguns dos jovens demonstram a intenção de se casar e ter filhos, mas isso não implica a idealização de uma relação duradoura, “*para o resto da vida*” pois a lógica manifesta é a de que “*estou com você, enquanto você estiver comigo*”.¹⁷

Raça e classificação

Como já foi dito, outra característica peculiar de Rio das Pedras é a grande presença de imigrantes nordestinos. A migração nordestina confere uma conformação especial às favelas do Rio de Janeiro de maneira geral. Tanto no que concerne à composição racial, quanto às identidades e moralidades que se constroem a partir da oposição “cariocas”/

¹⁷ Aguião, S. op.cit.

“paraíbas” e a existência de conflitos mais ou menos explícitos. Em Rio das Pedras, esse tipo de conflito não ocorre de forma acentuada, ainda que essa oposição esteja presente de maneira latente e se articule a outras clivagens que contribuem para a estruturação da rede de poder e influência local.

Em conversas, e principalmente nas entrevistas, ao perguntar sobre categorias de raça/cor existentes no local, as pessoas se referiam aos nordestinos, “paraíbas”, o “pessoal do norte” ou “Rio das Pedras é o ponto de referência dos nordestinos, né”.

Joana (34 anos, casada, carioca, autotranscrita como negra) quando questionada sobre discriminação, discorre sobre o preconceito com relação aos nordestinos. Isso é o que aparece de forma explícita, pois o que seria manifestado com relação à “raça mesmo” (negra), é camuflado, “guardadinho numa caixinha”.

Já Leonardo, afirma que lá “*tem muito preconceito do pessoal do norte com os negros*” mas também fala que os “cariocas” (de fora de RDP) também discriminam eles [pessoal do norte] dizendo que “*o rio das Pedras é só paraíba e cearense*”.

Outros estudos, como o desenvolvido por Cunha¹⁸ em Vigário Geral, sinalizam para a necessidade de nos mantermos atentos à diversas configurações que o cruzamento de marcadores como raça e gênero podem assumir em favelas e comunidades populares, principalmente quando associados às questões de violência e o quanto a combinação de “cores” da população local pode influenciar nesses aspectos.

Não venho encontrando um discurso de afirmação de identidade negra (no sentido político) em Rio das Pedras. Conversando com uma pessoa sobre o baile funk local, perguntei se ele percebia alguma diferença na frequência no baile, se haveria mais brancos ou negros. A primeira resposta foi: “*acho que brancos, tem mais brancos*”, depois pensou um pouco e falou: “*Morenos. Moreno claro, moreno escuro. Branco, branco mesmo não tem. Tem uns gringos, mas aí...*”. Essa é a impressão geral que tenho de RDP, de que ali são todos “morenos”, mais claros ou mais escuros. Isso não significa que muitos não se

¹⁸ Cunha, Olívia G. (2001) “Bonde do Mal: Notas sobre território, cor, violência e juventude numa favela do subúrbio carioca” in Maggie, Y. Rezende, C. B. (orgs.) Raça como retórica: a construção da diferença. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

percebam negros(as), que neguem ou não percebam o racismo e discriminação que por vezes lhes atinge. Mas que “moreno(a)” é a categoria genérica mais usada no tratamento entre esses sujeitos, é a maneira como são chamados e vistos e também a forma que escolheram como autotclassificação.

Embora seja obviamente um elemento diferenciador, a raça não vem aparecendo como um critério fundamental de classificação. Na dinâmica das relações de raça e gênero de Rio das Pedras, sistemas de classificação podem ser acionados em determinados contextos e estruturas, de maneiras diferenciadas. Aspectos que podem ganhar ainda maior visibilidade quando pensados na sua inter-relação com a sexualidade.